

NARRAR E ESCREVER: ASCENSÃO SOCIAL POR MEIO DOS ESTUDOS DE UM DISCENTE COM BAIXA VISÃO DE CAMADA POPULAR

Stenio de Brito Fernandes

Programa de Pós Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), stenioandre@hotmail.com

Samuel Carvalho Rebouças

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), samuelicapui@gmail.com

Aleksandra Nogueira de Oliveira Fernandes

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte (IFRN),
aleksandra.nogueira@ifrn.edu.br*

Eliane Cota Florio

Programa de Pós Graduação em Educação (POSEDUC/UERN), elianeege@hotmail.com

Ana Lúcia Oliveira Aguiar

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), oliveiraaguiarpetro@gmail.com

Resumo

Este artigo emergiu da ação de um Projeto de Pesquisa em andamento da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPEG) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), intitulado: *Ascensão Social por meio dos estudos de estudantes de origem popular: da Educação Básica até a Universidade*. Partindo da reflexão de narrar e escrever, tem como objetivo, compreender por meio das narrativas (auto)biográficas como um discente com baixa visão de camada popular do curso de Direito - UERN vem conquistando sua ascensão social por meio dos estudos desde a Educação Básica até a Universidade, com vista, o êxito escolar. É uma pesquisa de abordagem qualitativa. Utilizamos como método de investigação a pesquisa (auto)biográfica. Como resultados, apontamos que, as narrativas (auto)biográficas do discente com baixa visão de camada popular, mostrou sua a ascensão social por meio dos estudos desde a Educação Básica até chegar à Universidade no curso de direito - UERN. O acesso e a permanência do discente na sua trajetória da Educação Básica e da Universidade é fruto do apoio familiar e do acompanhamento da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN). As lições e aprendizagens passada pela família e a DAIN contribuem para a formação do discente, tornando empoderado e determinado na luta pela quebra das barreiras arquitetônicas e atitudinais vivenciadas nos espaços social e acadêmico. As experiências formativas permitiram ao discente conhecer e vivenciar a abertura para a alteridade, tendo como pista o êxito social pelos estudos.

Palavras-chave: Baixa visão, Ascensão social, Inclusão, Ensino superior, Discente.

Introdução

O artigo emergiu da ação de um Projeto de Pesquisa Institucionalizado pela Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPPEG) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), intitulado: *Ascensão Social por meio dos estudos de estudantes de origem*

popular: da Educação Básica até a Universidade. Este Projeto de Pesquisa Institucionalizado tem o objetivo de compreender os mecanismos da ascensão social por meio dos estudos de estudantes com deficiências na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte tendo como base, discentes acompanhados pela Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas¹ (DAIN), na perspectiva inclusiva.

Desde agosto de 2017, em conjunto com os demais alunos do Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC/UERN) estamos atuando neste Projeto de Pesquisa Institucionalizado. Em seu andamento, permitiu desdobramentos gerando o artigo, a saber: *Narrar e escrever: ascensão social por meio dos estudos de um discente com baixa visão de camada popular*, como atividade de pesquisa. Partindo da reflexão de narrar e escrever, temos como objetivo, compreender por meio das narrativas (auto)biográficas como um discente com baixa visão de camada popular do curso de Direito - UERN vem conquistando sua ascensão social por meio dos estudos desde a Educação Básica até a Universidade, com vista, ao êxito escolar.

O sujeito desta pesquisa é um discente do curso de direito com deficiência visual que tem baixa visão escolhido dentre aqueles que estão envolvidos diretamente com o acompanhamento na DAIN dos cursos de: Administração, Medicina, Pedagogia, Educação Física, Direito, Serviço Social. O entrevistado mora na cidade de Icapuí, localizada no litoral leste do Ceará, cidade com população estimada no censo - 2009 de 19.385 habitantes². O discente recebeu um nome fictício de Herói³, filho de mãe doméstica e pai mestre de obras. Com esforço e dedicação dos seus pais, conseguiram ingressá-lo no curso de Direito da UERN.

O discente vem participando ativamente em programas e projetos oferecidos pela DAIN/UERN, tais como: Programa Institucional de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI), Programa Institucional de bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e Projetos de Extensão. Sobre os avanços e perspectivas da Educação Inclusiva, se torna relevante a efetivação de discentes com deficiência no ensino superior de camada popular.

¹ O Departamento de Apoio à Inclusão (DAIN) foi criado pela Resolução nº 2/2008 do Conselho Universitário - CONSUNI, de 18 de abril de 2008 e, em 2010, passa a Diretoria de Apoio à Inclusão, através da Resolução Nº 31/2010-CD. Em 24 de março de 2015, através da Resolução Nº 05/2015- CD, passa à Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas.

² Dados da Secretaria de Saúde do município de Icapuí/CE.

³ O nome Herói é fictício, escolhido pelo próprio narrador, pois, esse nome tem um significado pela luta e perseverança de vencer os obstáculos do seu cotidiano.

Metodologia

É uma pesquisa de abordagem qualitativa na área das ciências sociais, que se ancora nas lições de Minayo (1994), como instrumentos e teorias capazes de fazer uma aproximação da sutuosidade que é a vida dos seres humanos em sociedades, ainda que de forma incompleta, imperfeita e insatisfatória. Segundo a autora a pesquisa qualitativa expressa um conjunto de expressões humanas constantes nas estruturas, nos processos, nos sujeitos, nos significados e nas representações.

Utilizamos como método de investigação a pesquisa (auto)biográfica, apoiada teoricamente em Josso (2010), Souza (2006) e Delory Momberger (2008). Para Josso (2010), a metodologia da pesquisa (auto)biográfica dá legitimidade à mobilização da subjetividade como modo de produção do saber e à intersubjetividade como suporte do trabalho interpretativo e de construção de sentido para os auto-relatos. Souza (2006) reforça que, através da abordagem biográfica o sujeito produz um conhecimento sobre si, sobre os outros e o cotidiano, revelando-se através da subjetividade, da singularidade, das experiências e dos saberes.

As narrativas de vida e formação desse discente com baixa visão representa muito bem o que afirma Delory Momberger (2008, p. 99): “as histórias de vida se situam, deliberadamente, do lado do processo de mudança global da pessoa e da relação do formando com o saber e com a formação”. As entrevistas com o discente, foram realizadas na sala do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação, Memórias, (Auto)Biográficas e Inclusão (GPEMABI), no Campus Central da UERN – Mossoró/RN, contou com duas sessões de narrativas do discente que, aceitou participar voluntariamente da pesquisa.

Resultados e Discussão

Neste primeiro momento enfocaremos ascensão social por meio dos estudos de um discente com baixa visão de camada popular, trajetória educacional da Educação Básica antes da Universidade: desafios e superações. Daremos ênfase às narrativas do discente com baixa visão do curso de Direito - UERN, pois, a construção desse texto, partiu das entrevistas com esse discente, que, motivou o engajamento social e acadêmico desta pesquisa. Sobre os avanços e perspectivas da Educação Inclusiva, se torna relevante a efetivação de discentes com deficiência no Ensino Superior.

As leis, portarias e decretos aprovados ao longo da história da Educação Inclusiva no Brasil e no Mundo buscam contemplar as diferentes deficiências e à dignidade da pessoa

humana. Segundo Bittencourt e Camargo (2010), é preciso o reconhecimento da identidade e das possibilidades das pessoas com deficiência a partir da construção das ações dos marcos legais da Educação Inclusiva. Para isso, as autoras salientam a importância do empenho e engajamento de toda a sociedade, para que, possamos usar a inclusão além do papel, através da prática e da sensibilização dos sujeitos.

O discente com baixa visão relembra em suas narrativas a infância, a adolescência, o cotidiano na escola, na sua cidade. As experiências vivenciadas pelo discente são compartilhadas com a família, na escola e na universidade. O desejo de aprender está nessa troca de experiências com o outro, a partir da construção da formação. Segundo Josso (2010), a formação se distingue de duas formas: como um processo de mudança; e como projeto, produção de sua vida e de seu sentido. Ambos são importantes para que o discente através da aprendizagem desenvolva e desempenhe um papel decisivo em sua formação. A baixa visão de Herói veio se apresentar no período de sua infância. Através dos exames, os médicos detectaram o glaucoma congênito. O entrevistado conta como tudo começou:

[...] meus pais descobriram o glaucoma através de uma consulta com um oftalmologista, desses oftalmologistas que vem nos bairros esporadicamente através das óticas. Então, minha mãe levou eu e o meu irmão também. Descobriu que o meu irmão tinha miopia e que eu tinha um problema mais grave, que necessitava de se tratar com urgência. [...] Os meus pais me levaram à Fortaleza. Lá, tinha um médico muito famoso, o Leiria de Andrade. Então, ele me encaminhou pro Instituto dos Cegos de Fortaleza. Lá, eu fiz três cirurgias. Que posteriormente eu fui transferido para o Hospital Geral de Fortaleza, onde eu fiz outras cinco cirurgias (Narrativas de Herói, em Mossoró/RN, 20/07/2017).

Herói, em suas narrativas, enfoca a descoberta da sua deficiência, e apresenta as possibilidades diante das suas limitações. Ele relembra que, quando passou a usar óculos, sofria com tonturas e caía muito. Construiu um percurso de adaptações. Nas suas brincadeiras, Herói conta que às vezes tropeçava bastante e tinha o apoio das demais crianças na época da infância, e diz: “eles tinham uma preocupação comigo”. Com o apoio da família, logo foram buscar em Fortaleza um tratamento mais eficaz para o problema do glaucoma. Conforme o Decreto de Nº 5.926/04 (BRASIL, 2004, p. 2) diferencia cegueira e baixa visão:

[...] cegueira, na qual a acuidade visual é igual ou menor que 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; a baixa visão, que significa acuidade visual entre 0,3 e 0,05 no melhor olho, com a melhor correção óptica; os casos nos quais a somatória da medida do campo visual em ambos os olhos for igual ou menor que 60o; ou a ocorrência simultânea de quaisquer das condições anteriores [...].

De acordo com Amiralian (1997), a cegueira adquirida, é uma perda irreversível que

provoca profundas mudanças e cujos efeitos sobre a personalidade estão relacionados à fase de desenvolvimento em que se encontra o sujeito, a forma de instalação da cegueira (súbita ou progressiva), e as condições pessoais e familiares do sujeito antes da ocorrência do problema. Freitas (2018) explica que o empoderamento dos sujeitos com baixa visão contribui de maneira plena para que todos alcancem meios viáveis para inclusão, tolerância e respeito nos espaços escolares e não escolares.

Nesse momento, o discente com baixa visão, narra o seu percurso trilhado na sua vida educacional, passando pela Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II e o Ensino Médio até chegar a Universidade. Apontamos como os estudos foram importantes para alcançar sua ascensão social e relatar seus sentimentos, sonhos, dificuldades conquistadas ao longo desse percurso escolar.

Devido ao agravamento da doença visual, Herói se submeteu a várias cirurgias e era frequente a troca de óculos. Em suas narrativas, lembra que, escrevia “torto” com relação às linhas das folhas de caderno, escrevia fora do campo das linhas. Com os resultados das cirurgias, as professoras notaram uma melhora significativa no desempenho na sala de aula. Herói conta em suas narrativas, a falta de atenção de uma professora, e diz: [...] “na verdade, ela não tinha uma preocupação mesmo, porque ela sabia que, eu tinha problema e não era atenciosa”. Diante dessa lembrança, Herói relata:

[...] não conseguia visualizar os cálculos que estavam na lousa, não conseguia ver as letras. Quando chegava minha vez pra ler, eu dizia que não sabia ler. Assim, a professora passava a oportunidade pra outro colega. Ou seja, ela não se preocupava comigo, se dava pra eu enxergar lá do canto que eu ficava. Isso fez com que eu tivesse um grande atraso na escola (Narrativas de Herói, em Mossoró/RN, 20/07/2017).

Diante da falta de apoio da professora menciona nas suas narrativas, o entrevistado se sentiu excluído, causando certo desinteresse. Com isso, sua mãe sentiu a necessidade de coloca-lo na aula de reforço, para acompanhar e orientar as atividades da escola. Segundo Herói as aulas de reforço, ajudaram a desenvolver o seu processo de alfabetização, fazendo as professoras da escola se surpreenderem e reconhecerem o seu desempenho. Esse resultado foi visível, como conta em suas narrativas, dizendo: “até teve um concurso de cálculo na segunda série, eu fiquei em primeiro lugar. Ganhei a fama de ser um dos melhores alunos de minha escola”. O apoio da família e o acompanhamento da escola foram um passo importante para o crescimento e aprendizagem de Herói, mas através de um olhar atento, sensível e mediador de outra professora, o aluno com baixa visão se supera diante das suas limitações.

No Ensino fundamental II, Herói relata sua convivência com uma professora, e diz:

“tive a sorte de pegar uma professora muito atenciosa [...] Ela, lia as provas pra mim, pois, não conseguia enxergar as linhas fracas, as provas eram rodadas no mimeógrafo”. A atitude e atenção da professora fortaleceu no discente, o desejo de participar da escola e dos projetos. É nesse processo de descoberta, que o discente narra o seu percurso no Ensino Médio, e diz:

Foi parecido com o ensino fundamental II [...] só que melhor ainda, porque no Ensino Médio, já era em outra escola Estadual. Então, tinha um suporte maior, tinha biblioteca, é, tinha laboratório de informática com acesso a Internet, isso no interior [...] pra mim, foi um grande avanço, porque na minha escola que eu estudava anteriormente, não tinha acesso a Internet, as prova não vinha digitadas, era no mimeógrafo, e até dificultava a leitura, mas, depois que passei para essa escola estadual, as provas vinham com letras ampliadas, os professores davam bastante atenção (Narrativas de Herói, em Mossoró/RN, 20/07/2017).

Na visão do entrevistado, o Ensino Médio, trouxe bons resultados, construiu um tratamento diferenciado por parte dos professores, colegas e da direção. Por se tratar de uma escola estadual, possuía mais recursos de inclusão digital, no caso da lupa que, possibilitou um processo de aprendizagem, diferente do vivenciado no Ensino Fundamental II na escola municipal. Para a adaptação da sua deficiência às atividades na referida escola obteve duas lupas e as provas vinham com letra ampliada.

Quanto à questão do uso dos óculos, a baixa visão não cessou, devido ao glaucoma congênito, pois se trata de doença em que seus efeitos são irreversíveis, mas, pelo contrário, a tendência é a progressão se não houver controle, os óculos não conseguiam corrigir significativamente a visão, não consegue devido a gravidade do problema. Mesmo com os óculos Herói tem dificuldades de enxergar, porque a baixa visão, não é suprimida mesmo com o uso dos óculos. Essa deficiência tem dificultado na hora das atividades do quadro na sala de aula. O entrevistado conta:

As professoras escreviam no quadro mais moderno, porque lá na escola do interior o quadro era tradicional com giz, e, eu confesso que para visualizar era melhor, por conta do contraste do verde escuro e o giz branco, né? Ajudava muito, e no caso da escola do Ensino Médio, que era uma escola modernizada, aí, tinha esses quadros que hoje se usa aqui na UERN, e em outras universidades, no caso da lousa branca com pincel, aí, muito dificultoso para mim, sempre eu peço para os professores escrever com os pinceis preto, porque dá aquele contraste, já que o fundo é branco e a tinta preta, assim, ajuda muito, o bom seria que tivesse uma lousa preta com o pincel branco (Narrativas de Herói, em Mossoró/RN, 20/07/2017).

Diante das dificuldades apontadas por Herói na sala de aula, ressaltamos através de suas narrativas, o apoio que recebia dos colegas de sala de aula, quando diz: “sempre os colegas me ajudavam a visualizar as letras, algumas palavras que estivesse apagada na lousa,

também tinha ajuda de alguns professores que se dedicavam muito, e davam uma atenção especial”. Segundo Mantoan (2006, p.7) “esses ambientes educativos desafiam as possibilidades de aprendizagem de todos os alunos e as estratégias de trabalho pedagógico são adequadas às habilidades e necessidades de todos”. Um passo relevante para a vida de Herói foi o apoio dado por sua família, pelo irmão e seus pais, estavam sempre preocupados em ajuda-lo.

O percurso educacional de Herói do Fundamental até o Ensino Médio, marca sua história de vida de lutas e superações. Já as conquistas, só foram possíveis pela colaboração de sua família, dos amigos, dos professores do Ensino Fundamental e Médio. Quanto a tecnologia o discente atribui um papel relevante para sua aprendizagem, nas suas narrativas, Herói diz: “o computador facilitou bastante, aí, quando não tinha o computador eu usava como recursos a lupa virtual, e também, passei a utilizar leitura de tela, isso foi um grande avanço”.

No Ensino Médio, o entrevistado relata que utilizava mais a lupa e letras ampliadas, depois começou os primeiros contatos com o leitor de tela, e explica: “com o agravamento do meu problema visual, eu passei utilizar os leitores de tela”. Pois, o uso do leitor de tela proporcionou um salto significativo para seu desenvolvimento. Para Freitas (2018), a defesa da inclusão dos sujeitos com baixa visão/cegueira é também a luta pela permanência dessas pessoas nos múltiplos ambientes, como mercado de trabalho, política, escolas e universidades.

No segundo momento do artigo, abordaremos as narrativas sobre o êxito social pelos estudos do discente com baixa visão do ensino superior: as políticas de Inclusão da DAIN na efetivação dos diretos. Por meio das narrativas de Herói, apontamos sua ascensão social pelos estudos ao ingressar no curso de Direito – UERN, a partir desse ingresso, surgiram algumas inquietações: *Como o discente construiu sua trajetória no ensino superior culminado no êxito social pelos estudos? Quais os avanços do discente através do acompanhamento da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas - DAIN/UERN para sua formação? Que lições de aprendizagem o discente adquiriu no ensino superior que o empoderou para quebra das barreiras atitudinais e arquitetônicas vivenciadas nos espaços social e acadêmico?* Essas inquietações serão vistas no discorrer do texto de acordo com o acesso e a permanência do discente no ensino superior.

É relevante destacar, que o ensino superior desempenha um papel decisivo e fundamental no que diz respeito aos conteúdos de ensino, valores e habilidades que se incorporam nesse processo. Para Pinto (2008), a Universidade deve se comprometer de

maneira diferenciada com a formação dada para os seus alunos, especialmente no que se refere à sensibilização, para que eles enxerguem os problemas sociais que os rodeiam. O autor afirma que, será possível na medida em que os professores tiverem uma postura aberta à troca com os seus alunos, para que estes se sintam capazes de integrar as iniciativas de responsabilidade social da universidade.

A universidade tem um papel articulador no ensino, pesquisa e extensão, destacamos as políticas de Inclusão da UERN, através da DAIN, que tem a finalidade de contribuir com a inclusão de discentes com deficiências para que esses discentes possam ter acesso aos conhecimentos, informações, relacionamentos sociais e ambientes de estudos. As atividades desenvolvidas pela DAIN baseiam-se nas Legislações Nacionais e Internacionais de Educação sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência. No contexto geral, entendemos que, mesmo respaldado na legislação nacional, o direito de pessoa com deficiência ao Ensino Superior parece-nos caminhar ainda a passos tímidos (PINTO, 2008).

A Diretoria da DAIN vem realizando atividades importantes para a valorização da inclusão através do Seminário Potiguar: Educação, Diversidade e Acessibilidade; Seminário de Narrativas (Auto)Biográficas; Encontro Regional de Narrativas (Auto)Biográficas (ERNAB). A DAIN está na sua 29ª Rodas de Estudos sobre a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) – Lei Nº 13.146, de 06/07/2015. As reuniões envolvem diversos parceiros da Educação, da Saúde, da Assistência Social e do judiciário.

Antes de Herói ingressar no curso de Direito da UERN, passou por algumas experiências de formação, construiu sua primeira experiência quando ingressou na licenciatura em Matemática na modalidade de Educação à Distância (EaD) promovida pela Universidade Aberta do Brasil (UAB) em parceria com a Universidade Federal do Semiárido (UFERSA) - Mossoró/RN. Através das experiências vivenciadas pelo discente na modalidade de EaD, adquiriu novos conhecimentos, principalmente no contato das tecnologias assistivas, tais como: equipamentos especiais, ajudas técnicas, softwares entre outros, proporcionando um acesso aos conhecimentos, informações sem o entrave de barreiras.

Quanto à preparação para participar no vestibular no ano de 2012, Herói conta como se preparou, e diz: “eu não tive nenhum cursinho preparatório, porque eu mesmo não quis fazer. Meu pai sempre me incentivou, que eu fizesse um cursinho preparatório em Mossoró”. Com disciplina e dedicação, Herói não participou de cursinho preparatório como seu pai tinha solicitado, achou melhor estudar em casa. Ele conta que: “fez planejamento com um calendário de estudos”. Passar no vestibular no curso de direito na UERN, era o maior

objetivo de Herói, pois tinha certeza que iria concretizá-lo, mesmo diante do pouco tempo que tinha de preparação. O discente conseguiu ser aprovado no vestibular para o curso de direito, somente em 2013, foi que veio o Processo Seletivo Vocacional na UERN, com vagas destinadas para pessoas com deficiências. No vestibular de 2012, Herói relata que, participou na cota social destinado para alunos da rede pública de ensino, correspondia 50% (cinquenta por centos) no Rio Grande do Norte/RN. Nesse vestibular, o entrevistado não participou na cota de pessoas com deficiências, por que a lei nº 9606/2013 que instituiu 5% (cinco por centos) para pessoas com deficiência, ainda não tinha entrado em vigor no âmbito do processo seletivo.

Destacamos um crescimento significativo pelo trabalho construído pela DAIN no Processo do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) da UERN que, tem conquistado o aumento significativo dos discentes com deficiência com aprovação final nos exames, levando aos cursos acadêmicos pessoas com deficiência que antes não tinham essa oportunidade de ingressarem nas universidades. As condições especiais pleiteadas e conseguidas pela DAIN, com respaldo nas leis, para a realização dos exames são imprescindíveis para o resultado positivo dos discentes. Por meio da DAIN, foi possível, atender a demanda de discentes com deficiências e seguir a legislação vigente com os esforços da Administração Superior de forma coletiva com a comunidade acadêmica (FREITAS, 2018).

Através das vivências do discente com baixa visão no ensino superior, verificou-se nas suas narrativas o reconhecimento e a colaboração do trabalho prestado pela DAIN, quanto aos elementos facilitadores e adaptadores à baixa visão. Para Herói, o seu ingresso na UERN, teve ajuda da DAIN no processo de aplicação das provas do vestibular. Para o entrevistado, as experiências nesse processo, foram bastante exitosas, o discente atribui 100% para o trabalho da banca organizadora do vestibular e para a DAIN.

A DAIN vem desenvolvendo um papel fundamental para a área da educação especial das pessoas com deficiência e especificamente no ensino. O início do ingresso na universidade causou para o discente uma preocupação, quando diz: “eu tinha ingressado aqui, era bastantes disciplinas, né? E cada disciplina era um professor diferente como é nas faculdades, diferentemente do Ensino Médio”, o discente expressa de início essa preocupação, mas quando fica sabendo do trabalho de acompanhamento da DAIN para alunos com deficiências, alivia e fortalece o desejo de continuar no curso na Universidade. Quanto o apoio da DAIN, Herói externa sua satisfação dizendo:

[...] no início tive um pouco de preocupação, mas quando eu descobri que a

DAIN tinha um acompanhamento junto às faculdades, né? Um acompanhamento, digo de passagem, bem próximo, bem consolidado da forma que eu nem imaginava que eu ia ter [...] Aí, foi que eu tive mais esperança de terminar o curso, né? E, no caso das dificuldades que eu enfrento, é além da deficiência mesmo, das dificuldades que eu enfrento, não digo que seja uma dificuldades em si, mas é uma oportunidade como lidar com isso aí (Narrativas de Herói, em Mossoró/RN, 20/07/2017).

As atividades promovidas pela DAIN tem contribuído para a formação dos discentes com deficiência por meio dos estudos, consolidando o acesso e a permanência, à proposta de formação dos discentes com deficiência estabelece o intuito de ajudar e dar subsídios para que haja novas possibilidades de avanços, com benefícios para uma melhor locomoção. A DAIN promove a prática inclusiva de estudos de discentes com deficiência que, repercute através da construção da efetivação dos direitos a ascensão social por meio dos estudos.

Quanto a atuação na sala de aula no curso de Direito, o discente tem o apoio e a solidariedade dos colegas e de professores da Faculdade de Direito em ajuda-lo. Já em relação das dificuldades sobre a leitura e a escrita, o discente aos poucos vai se adaptando e superando essas barreiras no seu dia a dia em sala de aula, como na convivência social. Herói agradece o apoio e o acompanhamento da diretoria da DAIN, e diz: “eles trabalham dia e noite para expandir a inclusão para fora dos muros da UERN”.

Garantir o acesso e a permanência de discentes com algum tipo de deficiência nas universidades se tornou um grande desafio. A participação da comunidade acadêmica nas atividades é frequente e, com isso, a visibilidade e participação das pessoas com deficiência tornou-se parte da rotina da UERN, que segue o princípio do desenvolvimento de cada potencialidade dos sujeitos e valoriza as habilidades e possibilidades de cada sujeito. O atendimento educacional especializado oferecido pela DAIN tem grande valia na inclusão dos discentes com deficiência por meio do desenvolvimento na vida acadêmica, profissional, pessoal, social e da inclusão no ensino superior. Esse trabalho da DAIN é visível nas narrativas de Herói quando expressa:

[...] sou acompanhado pela DAIN. Na DAIN tive uma aula de braille, foi bom, porque, eu aprendi muita coisa, e atualmente faço parte de um Projeto de Iniciação Tecnológica com a professora Ana Lúcia Aguiar, que é orientadora, tinha até, me convidado para participar de um Projeto de Iniciação Científica, aí, depois que concluí Iniciação Tecnológica, ela me convidou para participar da Iniciação Científica, então, está sendo uma experiência exitosa, que eu estou tendo contato com as tecnologias, e em suma, é, o curso de direito, é um curso muito teórico, né? E, os livros são muitos robustos para poder ler (Narrativas de Herói, em Mossoró/RN, 20/07/2017).

A participação do discente em curso e projetos na universidade trouxe uma reflexão acerca da aprendizagem vivenciada no contexto do Ensino Superior que permitiu uma relação pedagógica entre professor, discente com deficiência visual e práticas educacionais, preocupando-se com o processo de aprendizagem pautado na inclusão, no êxito de aprendizagem do aluno com deficiência visual e um repensar para a formação de discentes e professores, quanto os recursos da acessibilidade. Sobre as tecnologias, Herói, confessa que está procurando se adequar e relata: “estou sempre com curiosidade e procurando aprender o que é melhor para mim, e qual o método é mais adequado para minha limitação”.

O entrevistado é um jovem cheio de ideia, não se limita, está sempre buscando formas de superar suas limitações, assim, nos revela que: “ainda estou a procura de um método que se use mais em questões de tempo, que eu leve menos tempo, e que eu leia mais, cada vez mais conteúdos, cada vez em pouco tempo”. O tempo e o conhecimento tornam-se desafiantes para Herói, a sua trajetória de vida e formação, apontam um longo caminho para trilhar, os desafios enfrentados pelos colegas e professores, que reflete um olhar metodológico nas práticas pedagógicas que supere as barreiras atitudinais e arquitetônicas em sala de aula.

Conclusões

Os caminhos de acesso a essas experiências formativas foram as narrativas (auto)biográficas de um discente com baixa visão de camada popular, que permitiram uma reflexão (auto)formativa do ser para o exercício do conhecer-se e vivenciar a abertura para a alteridade tendo como pista o êxito social pelos estudos.

Como resultados, apontamos que, as narrativas (auto)biográficas do discente com baixa visão de camada popular, mostrou sua ascensão social por meio dos estudos desde a Educação Básica até chegar à Universidade no curso de direito - UERN. O acesso e a permanência do discente na sua trajetória da Educação Básica e da Universidade é fruto do apoio familiar e do acompanhamento da Diretoria de Políticas e Ações Inclusivas (DAIN). As lições e aprendizagens passadas pela família e a DAIN contribuem para a formação do discente, empoderando-o na luta pela superação de barreiras arquitetônicas e atitudinais vivenciadas nos espaços social e acadêmico.

As experiências formativas vivenciadas pelo discente entrevistado permitiram o seu ingresso no curso de direito da UERN como a participação, tais como: Programa Institucional de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação (PIBITI), Programa Institucional de bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e Projetos de Extensão, promovida pela DAIN/UERN. Essas conquistas possibilitaram para o discente uma (auto)formação e as

(re)adequações necessárias ao processo de aprendizagem, que permitiu conhecer e aprender com o outro tanto no plano individual como no coletivo.

Referências

AMÉRICO, Solange Maria. **Memória auditiva e desempenho em escrita de deficientes visuais**. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, Campinas-SP, Brasil, 2002.

AMIRALIAN, Maria Lúcia Toledo Moraes. **Compreendendo o Cego: uma visão psicanalítica da cegueira por meio de desenhos-estórias**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997.

ARAÚJO, Eliece Helena Santos. **Acessibilidade e Inclusão de pessoas com deficiência na Faculdade de Direito da UFBA**. 2015. 86 f. il. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Salvador, 2015.

BITTENCOURT, Zélia Zilda Lourenço de Camargo e CAMARGO, Francine Popes de. Percepções do estudante com necessidades educacionais especiais sobre a política de acessibilidade na universidade. **Revista Serviço Social & Saúde**. UNICAMP Campinas, v. IX, n. 10, Dez. 2010. Disponível em: < www.bibliotecadigital.unicamp.br/>. Acesso em: 18 maio 2018.

DELORY-MOMBERGER, Chistine. **Biografia e Educação: figuras do indivíduo-projeto**. Natal – RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FREITAS, Marcos Randall Oliveira de. **Sujeitos em (auto)formação: experiência pedagógica de docente na inclusão de discente com baixa visão no ensino superior**. 2018. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Mossoró. 2018.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiência de vida e formação**. 2 ed. rev. e amp. Natal, RN: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. **Inclusão Escolar: O que é? Por que? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria método e criatividade**. 17ª ed, p. 80. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

PINTO, Maira Meira. Responsabilidade social universitária como indicador de qualidade para o ensino superior? **Educere – Congresso Nacional de Educação** – Pontifícia Universidade Católica do Paraná, p. 186-345, 2008. Disponível em: <educere.bruc.com.br/>. Acesso em: 18 maio 2018.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In. NASCIMENTO, AD., HETKOWSKI, TM., (Org). **Memória e formação de professores [online]**. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 48-71. ISBN 978-85-232-0484-6. Available from SciELO Books. Disponível em: books.scielo.org/. Acesso em: 10 jul. 2018.